

CADERNO

Fé e Cultura

Edição 11
28 de junho de 2023



Use o QRCode para acessar o Caderno Cultural na Internet, com mais artigos e links citados.

O SÃO PAULO



NÚCLEO
FÉ E
CULTURA
Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo

Qual é a força da beleza?

Núcleo Fé e Cultura

A beleza é capaz de criar comunhão, “porque une Deus, o homem e a criação numa única sinfonia; porque conecta o passado, o presente e o porvir; porque atrai para um único lugar e envolve no mesmo olhar diferentes pessoas e povos distantes” (*Discurso aos Patrons of the Arts dos Museus do Vaticano, 28/set/2018*). Uma particularidade do artista é que não está limitado pelo tempo, pois a sua arte fala a todas as épocas. O artista não está limitado nem sequer pelo espaço, pois a beleza pode comover em cada um o que é universal – especialmente a sede de Deus – superando as fronteiras das línguas e culturas [...] Como dizia São João Paulo II na sua *Carta aos Artistas*, que vos convido a reler com atenção, “para transmitir a mensagem que Cristo lhe confiou, a Igreja tem necessidade da arte. De fato, deve tornar perceptível e até o mais fascinante possível o mundo do espírito, do invisível, de Deus. Por isso, tem de transpor para fórmulas significativas aquilo que, em si mesmo, é inefável” (PAPA FRANCISCO, *Discurso aos membros da Associação Diaconie de la Beauté, 17/fev/2022*)



Poucas coisas se apresentam tão paradoxais, nas culturas humanas, como a beleza. “A quem ama o feio, bonito lhe parece”, diz o ditado popular, lembrando tanto a relatividade (em função de uma série de características pessoais, cada um tem o seu próprio padrão estético) quanto a universalidade da beleza (todos fazem a experiência do belo e do feio, independentemente de seus gostos pessoais). “A beleza salvará o mundo”, dizem religiosos e ateus, sem saber que a frase carrega uma referência a Cristo. Os artistas quebram padrões e frequentemente são tidos como tendo moral duvidosa, mas temos uma intuição que suas obras trazem uma sabedoria peculiar; que aqueles que trabalham com o belo devem ter um saber que pode orien-

tar a todos. Qual a força da beleza?

Toda beleza é reflexo do único totalmente Belo, Bom e Verdadeiro. Nesse sentido, permaneceremos sempre na “soleira da porta”, vislumbrando o que é a beleza, mas incapazes de conhecê-la ou dominá-la perfeitamente. Numa interessante [reflexão sobre a beleza](#), o filósofo Luis Jean Lauand observa que a palavra “Olé!”, consagrada nas touradas, mas também famosa nos campos de futebol, nasce de uma exclamação em árabe, que brota naturalmente nos lábios diante do fascínio surpreendente diante do belo: *Wa-(a)llah* (“Por Deus!”). Para o espírito religioso, a origem de tamanha beleza tem um nome, é um ser reconhecível – na verdade o próprio Ser. Mas, mesmo para

o descrente, a beleza permanece ali, rastro indelével de um Inominado.

Nossa resposta à pergunta do título será sempre limitada e provisória. Nesta edição do Caderno Fé e Cultura, nossos colaboradores nos mostram testemunhos que, sem esgotar, apontam para essa resposta. Ana Lydía Sawaya apresenta o testemunho desse rastro de beleza comentando a conhecidíssima *Allelluyah*, de Leonard Cohen, e a história de Marija Judina, grande pianista russa do século XX, que se atreveu a desafiar até mesmo o então todo-poderoso Josef Stalin. Costantino Espósito, professor da Faculdade de Letras e Filosofia na Universidade de Bari, Itália, discute o poder da beleza no processo de aquisição de conhecimento – e para isso

vai comentar a experiência de Santo Agostinho, em sua relação com o belo e o próprio Deus.

Ainda como parte dessa reflexão, trazemos trechos do documento [Via pulchritudinis, caminho privilegiado de evangelização e diálogo](#), publicado em 2005, pelo Conselho Pontifício para a Cultura. Resultado de uma reunião plenária desse Conselho, esse texto propõe claramente a beleza como porta de entrada para que o Evangelho possa retornar aos espaços culturais dos quais parece ter sido banido nos tempos atuais.

Por fim, ainda neste Caderno, Marcos Aurélio Fernandes comenta a saudação franciscana “Paz e bem”, enquanto Rafael Ruiz nos propõe o filme *As nadadoras*.

As cordas do coração

Ana Lydia Sawaya*

O mundo de hoje nos confunde e nos subtrai esses momentos de verdade, nos entregando espaços e tempos ilusórios, que podem nos excitar, mas não nos maravilhar. É preciso saber reconhecer a diferença imensa que existe entre o ser excitado por algo e o ficar maravilhado. A primeira é uma experiência alienante, enquanto a segunda é conforme o nosso coração. Essa experiência é como uma oração: nos coloca em contato com o infinito, com o fora do tempo, com a verdade do tempo... E com o desejo verdadeiro que mora no nosso coração.

A música tem a capacidade de transformar-nos, de mover-nos, co-mover-nos, carregar-nos junto consigo, e nos fazer mudar de posição, de pensamento e de sentimento. Um pesquisador que estudou esse fenômeno descreveu-o assim: “Uma canção tem o inexplicável poder de sintetizar em três ou quatro minutos um momento marcante na vida de alguém. Ao ouvir de surpresa ‘aquela’ música no rádio, emoções como saudade, alegria, tristeza ou nostalgia vêm à mente e podem alterar o humor do dia, até mesmo levar alguém a tomar atitudes ou, em alguns casos, repensar sua existência. Mas muitas vezes, essa experiência (não julgada) acaba assim que começa a próxima. No oposto, quando ouvida pela primeira vez, uma composição pode ser tão marcante que se tornará referência para as futuras lembranças e sensações” (GONÇALO JÚNIOR. [Cardinales bonitas](#). *Revista Fapesp* n° 120, 2006).

Nosso coração, feito para Deus. Por que é assim? O nosso coração é feito de cordas e quando estas se sintonizam com uma harmonia certa, todo o nosso ser se comove. O coração humano foi feito para algo, alguém que está fora dele, além dele, e nosso coração sempre o estará procurando. Dizia Santo Agostinho: “o nosso coração foi feito para ti Senhor, e está inquieto enquanto não repousa em Ti” (*Confissões* I, 1,1).

Todos os seres humanos são assim, quer tenham uma fé, quer não. Há uma canção muito famosa, *Halleluyah*, de Leonard Cohen (1934-2016), que conta a história do rei Davi e diz que até Deus se comoveu com os acordes que Davi compunha quando tocava sua lira, tornando-se para sempre seu amigo:

*There was a secret chord
That David played
And it pleased the Lord.
It goes like this
The fourth, the fifth
The minor fall
The major lift
The baffled King
Composing halleluyah*

Havia um acorde secreto
Que David tocou
E que agradou ao Senhor.
É assim
A quarta, a quinta
A nota menor cai
A nota maior sobe
O rei perplexo e maravilhado
Compondo *halleluyah*



VAN GOGH, Vincent. Trigal com corvos.

Precisamos da beleza

Infelizmente, o momento atual está marcado não só por fenômenos negativos em nível social e econômico, mas também por um esmorecimento da esperança, por uma certa desconfiança nas relações humanas, e por isso crescem os sinais de resignação, agressividade e desespero. Depois, o mundo no qual vivemos corre o risco de mudar o seu rosto devido à obra nem sempre sábia do ser humano, o qual, em vez de cultivar a sua beleza, explora sem consciência os recursos do planeta para vantagem de poucos e, não raramente, desfigura as suas maravilhas naturais. O que pode voltar a dar entusiasmo e confiança, o que pode encorajar o ânimo humano a reencontrar o caminho, a elevar o olhar para o horizonte, a sonhar uma vida digna da sua vocação, a não ser a beleza? Vós bem sabeis, queridos artistas, que a experiência do belo, do belo autêntico, não é algo acessório ou secundário na busca do sentido e da felicidade, porque esta experiência não afasta da realidade, mas, ao contrário, leva a um confronto cerrado com a vida quotidiana, para o libertar da obscuridade e o transfigurar, para o tornar luminoso, belo.

De fato, uma função essencial da verdadeira beleza, já evidenciada por Platão, consiste em comunicar ao homem um “sobressalto” saudável, que o faz sair de si mesmo, o arranca à resignação ao conformar-se com o quotidiano, fá-lo também sofrer, como uma seta que o fere, mas precisamente desta forma o “desperta”, abrindo-lhe

de novo os olhos do coração e da mente, pondo-lhe asas, elevando-o. A expressão de Dostoiévsky que estou para citar é sem dúvida ousada e paradoxal, mas convida a refletir: “A humanidade pode viver – diz ele – sem a ciência, pode viver sem pão, mas unicamente sem a beleza já não poderia viver, porque nada mais haveria para fazer no mundo. Qualquer segredo consiste nisto, toda a história consiste nisto”.

BENTO XVI. Discurso no encontro com os artistas. Vaticano, 21/nov/2009.

O caminho da beleza responde ao desejo íntimo de felicidade que habita no coração de cada homem. Abre horizontes infinitos, que impulsionam o ser humano a sair de si mesmo, da rotina e do momento efêmero que passa, para se abrir ao Transcendente e ao Mistério, à busca, como meta última de seu desejo de felicidade e sua nostalgia do absoluto, por essa Beleza original que é o próprio Deus, Criador de toda beleza criada [...] Em seu íntimo desejo de felicidade, o homem pode se encontrar confrontado com o mal do sofrimento e da morte. Da mesma forma, as culturas são por vezes confrontadas com fenômenos análogos a feridas, que podem até levar ao seu desaparecimento. A voz da beleza ajuda a abrir-se à luz da verdade e, assim, ilumina a condição humana, ajudando-a a compreender o significado da dor. Dessa forma, promove a cicatrização dessas feridas.

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A CULTURA. A Via pulchritudinis, caminho privilegiado de evangelização e diálogo. Vaticano, 2006.

É preciso saber reconhecer, com inteligência e atenção, com cuidado de si, esses momentos maravilhosos. Neles reside não só uma profunda experiência de felicidade, mas a descoberta da direção certa na vida, condizente com o nosso “eu”.

A pianista que desafiou Stalin. Há uma história impressionante que aconteceu com uma das maiores pianistas russas do século XX, Marija Judina (1899-1970). Ela era judia e tinha-se convertido à Igreja ortodoxa ainda jovem. Sua história é muito tocante, viveu sua vida vendo seus amigos artistas e escritores sendo presos e mortos pelo regime. Mas ninguém teve a coragem de tocar nela até o fim da sua vida...

Conta-se que uma das suas execuções mais famosas era o [Concerto n. 23K 488](#), de Mozart, do qual ela tocava o segundo movimento interpretando-o como uma oração, um réquiem para as vítimas dos campos de concentração de Josef Stalin (1878-1953). Um dia, Stalin escuta no rádio sua performance tocando esse concerto, e fica tão impressionado que pede que se compre imediatamente o disco. Mas o disco não existia porque o concerto tinha sido transmitido ao vivo, pois a pianista era proibida pelo regime de gravar. Assim, sem ter coragem de explicar que a pianista não condizia com a ortodoxia política do ditador e não era agraciada com muita publicidade e sucesso, os comissários da rádio convocam com urgência Marija e a orquestra, o concerto é gravado durante uma noite às pressas e o disco, confeccionado com poucos exemplares, é entregue ao ilustre admirador. Stalin é generoso e manda uma grande soma de dinheiro para a pianista. Ela lhe envia uma carta de resposta dizendo: “Agradeço-lhe muito pela sua ajuda, Iosif Vissarionovič [nome original de Stalin]. Rezarei dia e noite pelo senhor e pedirei a Deus que perdoe os seus graves pecados contra o povo e a nação. Deus é misericordioso, o perdoará. O dinheiro o entregarei para a restauração da minha paróquia”. Conta-se que o disco com o concerto dela estava no gramofone de Stalin, quando o encontraram morto. (cf. PARRAVICINI, G. *Marija Judina, più della musica*. Milão: La casa di Matriona, 2010). Era exatamente a música que ela tocava para os milhões de pessoas mortas pelas atrocidades dele...

* Monja beneditina camaldolense do Mosteiro da Encarnação, em Mogi das Cruzes, São Paulo. Foi professora da UNIFESP, com doutorado em Nutrição na Universidade de Cambridge, e pesquisadora visitante do MIT.

A beleza e o conhecimento de Deus*

Costantino Espósito**

Dizendo com os termos canônicos da percepção visual, a beleza denota a descoberta do invisível por meio do visível, mas não como um acréscimo ou mero 'além' em relação ao que vemos sensivelmente, mas como a condição mesma da possibilidade do visível. Nós vemos sensivelmente as coisas ao nosso redor, mas não vemos da mesma maneira o sentido. E, no entanto, se não percebêssemos o sentido daquelas coisas, possivelmente nem as veríamos, ou melhor, 'olharíamos' para elas, sim, sem, porém, 'vê-las' realmente.

Agostinho de Hipona, no livro X das suas *Confissões* (397-400), descreve o modo como o nosso 'eu interior' (*ego interior*) vem a conhecer o significado último da realidade com a ajuda do nosso 'eu exterior' (*per exterioris ministerium*). O contexto dessa descrição é particularmente significativo: Agostinho quer saber quem é o seu Deus, quer dizer, onde pode localizar aquele significado que se revelou a si como uma presença amorosa por meio dos encontros, dos acontecimentos, dos próprios dramas de sua vida: "Mas o que amo, quando te amo? Não uma beleza corpórea (*speciem corporis*), nem uma graça temporal: não o esplendor da luz, tão caro a estes meus olhos, não as doces melodias de canções em todo tom, não a fragrância das flores dos unguentos e dos aromas, não o maná e o mel, não os membros aceitos pelos abraços da carne. Nada disso amo quando amo o meu Deus".

E, no entanto, como ele se apressa a dizer, amando o seu Deus, ama "uma espécie de luz, e voz, e cheiro, e comida, e abraço". Para conhecer o que amo, quando amo uma realidade experienciada pelo meu homem interior, neste caso, o próprio Deus, devo começar interrogando as coisas fora de mim: o céu, a terra, o mar e tudo isso que encontro no universo. Com as minhas perguntas, escreve Agostinho, trago o meu olhar sobre as coisas e as coisas me respondem por meio de sua forma de beleza. E todas – mesmo quando aparecem como belas – respondem: não somos nós o que procuras, "não somos o teu Deus", porque fomos feitas.

As coisas respondem. Por que para alguns tal beleza se detém no aspecto agradável percebido pelos sentidos, enquanto para outros é sinal da proveniência das coisas de uma origem maior que elas? A beleza aparece a todos os seres dotados de sentidos, mas não fala a todos da mesma maneira. Os seres humanos, na medida em que "são capazes de fazer perguntas" podem ver o Deus invisível por meio da criação visível.



PASTRO, CLÁUDIO. Crucifixo vazado, Santuário Nacional de Aparecida

A beleza de Cristo

Se a beleza da criação é, segundo Santo Agostinho, uma *confessio* e nos convida a contemplar a beleza em sua fonte, o "Criador do céu e da terra, do universo visível e invisível"; e se a beleza das obras de arte revela algo da beleza da figura do Filho que se fez carne, "o mais belo dos filhos do homem"; há um terceiro caminho fundamental – o primeiro em importância – que leva à descoberta da beleza no ícone de santidade, obra do Espírito que plasma a Igreja à imagem de Cristo, modelo de perfeição: é, para os batizados, a beleza do testemunho dado por meio de uma vida transformada em graça e, para a Igreja, a beleza da liturgia que permite experimentar Deus, vivo no meio do seu povo, e que atrai a si a quem se deixa abraçar, cheio de alegria e amor [...]

O vértice, o arquétipo da beleza, se manifesta no rosto do Filho do homem crucificado na Cruz das dores, revelação do amor infinito de Deus que, em sua misericórdia para com suas criaturas, restitui a beleza perdida com o pecado original. "A beleza salvará o mundo", porque esta beleza é Cristo, a única beleza que desafia o mal e triunfa sobre a morte. Por amor, o "mais belo dos filhos do homem" tornou-se um "homem de dores", "sem aparência nem beleza para atrair os nossos olhos" (Is 53, 2), e, assim, devolveu plenamente ao ser humano, a cada ser humano, a

sua beleza, a sua dignidade e a sua verdadeira grandeza. Em Cristo, e somente Nele, a nossa *via crucis* (caminho da cruz) se transforma na sua *via lucis* (caminho da luz) e *via pulchritudinis* (caminho da beleza) [...]

Pavel Florensky [considerado um dos principais representantes do pensamento religioso russo do século XX, *nde.*] assim comenta a passagem do Evangelho segundo São Mateus (5, 16): "As tuas 'boas obras' [que devem brilhar para que, sendo vistas, levem as pessoas a glorificar a Deus, *nde.*] não significam de forma alguma 'boas obras' num sentido filantrópico e moralista. τὰ καλὰ ἔργα significa 'belas obras', revelações luminosas e harmoniosas da personalidade espiritual – sobretudo, um rosto luminoso e belo, de uma beleza pela qual a 'luz interior' do ser humano se expande para fora, e então, superados pela irresistibilidade dessa luz, os seres humanos louvam o Pai celeste, cuja imagem na terra tanto resplandece". A vida cristã é chamada a tornar-se, com a força da graça dada por Cristo ressuscitado, um acontecimento de beleza capaz de suscitar admiração, suscitar reflexão e provocar conversão [...] A beleza é o esplendor da Verdade e o florescimento do Amor.

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A CULTURA.
A Via pulchritudinis, caminho privilegiado de evangelização e diálogo. Vaticano, 2006.

Todavia, essa capacidade humana de ver compreendendo e julgando, não garante automaticamente que percebamos a voz da beleza. Os seres humanos, com efeito, correm o risco de perder a sua capacidade de perguntar, sempre que se detêm no imediatismo das coisas criadas, e tornam-se escravos das aparências: "os servos não podem julgar" – a percepção da beleza do real requer uma postura de liberdade de juízo, sem a qual não se pode passar do sensível ao seu significado último, do visível ao invisível.

As coisas, portanto, "respondem apenas a quem lhes interroga sabendo julgar". A sua voz, isto é, a sua beleza, não muda, mas apresenta-se diversamente a quem apenas as vê e a quem, ao contrário, as vê e a interroga. Assim, a beleza "fala a todos, mas apenas aqueles que confrontam esta voz, recebida de fora, com a verdade no seu interior, a entendem".

O eu e a realidade. A beleza é Nele verdadeiramente percebida numa experiência de diálogo e de correspondência entre o eu e a realidade, entre o interno e o externo, entre isso que percebo sensivelmente e o seu sentido percebido racionalmente. No convite que a beleza dirige ao nosso eu, graças à voz que nos chama por meio do fascínio da forma (*species*), o 'eu' é literalmente 'movido' a ser ele mesmo. Ouvindo aquele convite e perguntando o "porquê" daquela voz, o nosso 'eu' é 'capturado' ou 'agarrado' pela realidade: e assim pode emergir, pode sair em sua plena subjetividade.

Para Agostinho, a beleza das coisas não se identifica com o mero aspecto estético, mas com a ordem, a harmonia e a razão profunda pela qual existem. Por isso, precisamente na medida em que é julgada 'bela', a realidade se manifesta em seu significado; e, vice-versa, o verdadeiro significado das coisas se manifesta por meio de sua beleza. Nesse caso, o belo coincide com a correspondência entre a nossa pergunta de sentido e a resposta que as coisas nos dão; e, por sua vez, o nosso próprio questionamento é o modo mais próprio que possuímos para responder à pergunta que o ser das coisas continuamente nos dirige.

* Excertos da palestra "A beleza que nos faz conhecer", proferida no XI Congresso Internacional em Ciências da Religião, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC Goiás, publicada em MARTINS FILHO, J.R.F. e cols. *Religião, arte e cultura: multiplicidades convergentes*. Porto Alegre: editora Fi, 2023.

** Professor de História da Filosofia na Faculdade de Letras e Filosofia na Universidade de Bari, Aldo Moro. Publicou, no Brasil, *O nihilismo de nosso tempo: uma crônica*. São Paulo: Ed. Loyola, 2023.

São Francisco e a saudação ‘paz e bem’

Marcos Aurélio
Fernandes*

A paz essencial não é a paz meramente privativa ou negativa: a mera ausência de lutas, perturbações, conflitos. Não é a comodidade do autoasseguramento humano, nem se reduz à mera segurança legal (como a *pax romana*). Não é ainda o frágil acordo de interesses particulares, nem o mero equilíbrio de forças hostis. Se a convivência humana não fundar seus acordos e tratados de paz na ordem da justiça, estes oferecerão apenas uma paz aparente. “Justiça é o coração da paz, sua guardiã e sua nutriz”, dizia, no século XV, o teólogo João Gerson.

A paz é essencialmente a tranquilidade da ordem. A ordem é uma unidade relacional, em que a disposição das coisas segundo suas diferenças e segundo suas igualdades é constituída. A ordem universalíssima e primeira é a do ser. A paz essencial, ontológica, se dá na vida do homem quando ele está em harmonia com o todo, quando ele segue o curso da terra e do céu, das coisas humanas e das coisas divinas, segundo suas dinâmicas próprias, segundo suas identidades, diferenças e igualdades. A paz se dá com e como a plenitude de sentido do viver, quando o ser humano, satisfeito com a gratui-

A Legenda dos Três Companheiros, um dos documentos biográficos mais importantes sobre São Francisco, fala de um “precursor” de São Francisco, um cidadão anônimo, que andava por Assis saudando toda a gente deste modo: “Paz e bem!”; “Paz e bem!”. Esta se tornou, há muito, a saudação franciscana por excelência. O princípio, o meio e o fim da pregação de São Francisco se resumia nisso: paz. A saudação de Francisco soava: “O Senhor te dê a paz!”. O mensageiro de Jesus Cristo é alguém que proclama a alegre mensagem da paz. Nas suas palavras, no seu fazer e no seu sofrer, a paz é posta em obra.

dade da vida, numa atitude de finitude agraciada, flui na liberdade do ser. Há paz, ali onde há liberdade. Há paz, ali onde vige a quietude, a tranquilidade, a calma, em que o ser, a vida, é abrigada, em sua essência, isto é, em seu pleno vigor, em sua saúde. Por isso, este voto de paz é uma saudação: algo que comunica saúde. Paz há ali onde há unidade. A paz é o estar recolhido num abrigo essencial, em que o ser, a vida, em seu pleno vigor, e a unidade são resguardados. Paz e salvação andam juntas. Francisco, perpassado pelo espírito dos profetas, anunciava a paz, pregava a salvação. Salvação não quer dizer ape-

nas escapar do perigo. Salvação quer dizer libertação para a liberdade. Quer dizer ser abrigado, protegido, no vigor pleno, essencial, da vida.

Onde cresce a paz, cresce, floresce e frutifica o bem. O bem é o que é íntegro, isto é, o que é segundo o todo. O bem aparece na consumação de uma obra que avança, que se potencializa e se torna bem-aventurada. Paz e bem acontecem numa unidade, quando a obra da vida do homem deslança na libertação para a liberdade da verdade, quando ela sucede conforme o amor, quando ela se torna uma boa ventura, e, assim, se faz feliz.

Essa mensagem de *Paz e bem*, porém, não é apenas individual. Ela é também comunitária e social. Assim como os indivíduos, também as comunidades e os povos carecem de trilhar um caminho que seja a realização de um projeto de paz e de bem. Ali onde a convivência humana é continuamente fraturada e exposta a ameaças de destruição, de aniquilação e de devastação, ali se faz necessário ouvir sempre de novo a saudação e o anúncio da paz e do bem. É preciso tecer de novo as relações de modo que os tecidos das comunidades, das sociedades, dos povos sejam reintegrados na força da paz e do bem. São Francisco, nas comunas e nas cidades aonde ia, sempre de novo, era um portador da paz, um artífice da paz, um homem que impelia seus próximos a se unirem na busca comum da paz e do bem. Que assim seja também conosco.

* Professor da Universidade de Brasília (Departamento de Filosofia). Possui graduação em Filosofia e Teologia, doutorado pela Pontifícia Universidade Antonianum (Roma). Dedicou-se à pesquisa na área de fenomenologia, de filosofia medieval, de filosofia da religião e filosofia da educação. É autor de *A clareira do ser* (Editora Daimon) e de vários capítulos de livros e artigos na área da Filosofia.

‘As nadadoras’: um filme sobre uma história épica

Rafael Ruiz*

Duas irmãs, que eram esperanças de medalhas olímpicas em natação pela Síria, foram surpreendidas durante os treinos por um ataque com bombas e acabaram decidindo fugir da Síria, tentando chegar até a Alemanha e, uma vez estabelecidas lá, fazer com que os pais e a irmã mais nova se reunissem com elas, para, depois de retomarem os treinos, poder participar da Olimpíada do Rio em 2016. Parece loucura, não é? Mas foi exatamente isso que acabou acontecendo. Como disse, é uma história inacreditável e, contudo, verdadeira.

A diretora, Sally El Hosaini, quis tornar visíveis não apenas duas irmãs sírias que atravessaram o Mediterrâneo, na altura da Turquia e da Grécia, numa embarcação precária, junto com mais 18 pessoas, e depois tiveram de enfrentar uma verdadeira odisseia atravessando a Macedônia, a Sérvia, a Hungria e a Áustria até conseguir finalmente chegar à Alemanha, mas “todos aqueles refugiados em todo o mundo e falar por todos aqueles que não têm voz”, como disse Yusra Mardini numa entrevista sobre o filme.

Há cenas, mais de uma ou duas, de cortar o coração. Outras que deixam uma mistura de emoções contrastantes entre a revolta e a esperança em relação aos seres humanos.

É difícil de acreditar que, depois

Se não soubéssemos que estaríamos assistindo a um filme baseado em fatos reais, aliás, extrema e tristemente reais, provavelmente não acreditaríamos que tudo aquilo fosse verdade. A história de Yusra e Sarah Mardini procura dar voz não a algo que aconteceu com elas nas suas vidas, mas a algo que acontece com milhões e milhões de pessoas em todas as partes do mundo, e que quase que cotidianamente acompanhamos por meio de notícias de tristes naufrágios acontecidos no Mediterrâneo.

de terem sobrevivido a um naufrágio certo, porque o motor falhou e começaram a afundar, e depois de terem ficado nadando as duas juntas puxando aquele bote que teimava em afundar com mais 16 pessoas, durante três horas e meia à noite no Mediterrâneo, ao chegarem finalmente à ilha de Lesbos ninguém do local tivesse a disposição de ajudar ou mesmo de dar um pouco de água. É difícil de acreditar, mas é assim que se passou.

É angustiante assistir a cada negociação com os intermediários que irão tentar fazer que passem pelas fronteiras exigindo desapidadamente dinheiro e mais dinheiro. E acompanhar a odisseia de ir de um lugar a outro sem saber ao certo em quem poderiam ou não confiar. E é uma lufada de ar e um canto de esperança perceber que houve pessoas que no meio daquele turbilhão souberam

acolher, ajudar e facilitar as coisas para que, finalmente, pudessem chegar à Alemanha.

Yusra Mardini participou na Olimpíada do Rio 2016 com uma equipe que pela primeira vez foi formada para representar o enorme número de refugiados. Desde 2011, mais de 13,5 milhões de sírios foram afetados pela guerra. “As Olimpíadas mudaram a minha forma de pensar sobre o que era ser um refugiado. Quando eu entrei no estádio no Rio de Janeiro, percebi que posso inspirar muitas pessoas. Eu percebi que ‘refugiado’ é apenas uma palavra, e que o que você faz com ela é a coisa mais importante”, comentou a jovem nadadora numa entrevista posterior aos jogos olímpicos.

O filme é um longa-metragem britânico, coproduzido com a Síria, Turquia, Alemanha e Bélgica e é estrelado pelas irmãs na vida real, Nathalie Issa,



As nadadoras (*The Swimmers*)
Direção: Sally El Hosaini
Roteiro: Sally El-Hosaini, Jack Thorne
Elenco: Nathalie Issa, Manal Issa
Nacionalidade (Ano): Inglaterra, Síria, Turquia, Alemanha e Bélgica (2022)
Disponível: Netflix

como Yusra Mardini, e Manal Issa, como Sarah Mardini. O filme estreou no festival internacional de cinema de Toronto em 2022 e pode ser assistido pela Netflix.

* Professor de História da América da UNIFESP